



Aproximações entre feminismo e agroecologia *Approaches between Feminism and Agroecology*

MOREIRA, Sarah Luiza de Souza¹; TELLES, Liliam²

¹ Universidade de Brasília, Brasília, Brasil, sarahluiza1982@gmail.com; ² Universidade Federal de Viçosa, Minas Gerais, Brasil, liliamtelles@gmail.com

Eixo temático: Mulheres, Feminismos e Agroecologia

Resumo: Esse artigo se propõe a trazer as conexões entre a teoria e a prática, a academia e os movimentos sociais, sobre os conceitos e lutas dos campos agroecológico e feministas. Para fazer a aproximação entre esses dois campos de reflexão e atuação traz conceituações do feminismo e da agroecologia a partir de referências teóricas, bem como do referencial político forjado no âmbito do movimento agroecológico brasileiro -representado pela Articulação Nacional de Agroecologia (ANA) e pelo GT Mulheres da ANA - e do movimento feminista. Esta última representa uma vertente da diversidade de movimentos e abordagens que compõem o pensamento feminista no Brasil e sua ação política. Concluímos com essa diálogo que o feminismo e a agroecologia têm perspectivas que se somam na construção de um projeto de desenvolvimento em que a produção e o consumo de alimentos saudáveis tenha centralidade e reflitam uma sociedade mais justa e igualitária.

Palavras-chave: Mulheres; Transição agroecológica.

Introdução

Para entender as conexões teóricas e práticas entre o Feminismo e a Agroecologia, partiremos da compreensão conceitual que nos parece mais apropriada, considerando os conhecimentos no âmbito acadêmico e aqueles concebidos e atualizados no campo dos movimentos sociais. Mesmo compreendendo que tanto a agroecologia quanto o feminismo têm diferentes concepções e vertentes, optamos por usar a referência de autoras do feminismo radical e materialista, assim como trazemos olhares de estudiosas e estudiosos que consideram a agroecologia a partir de um olhar sistêmico, que ampliam as análises para o âmbito social, político e cultural. Trazemos ainda as reflexões forjadas no interior do movimento agroecológico e do movimento feminista como referência para esse diálogo entre teoria e prática.

Metodologia

O presente texto foi elaborado a partir da revisão bibliográfica e documental sobre o tema. Foram analisados documentos produzidos no âmbito do movimento agroecológico, especialmente pelo GT Mulheres da ANA e aqueles que resultaram do IV Encontro Nacional de Agroecologia; bem como aqueles documentos produzidos pela Marcha Mundial das Mulheres, que compõe o movimento feminista no Brasil. Para isso, reconhecendo a diversidade do movimento feminista, buscou-se localizar, do ponto de vista teórico e político, as concepções que tem influenciado a agenda do



movimento agroecológico no Brasil, apontando as conexões entre esses dois campos distintos.

Conexões entre feminismo e agroecologia no Brasil

O Feminismo, desde a Marcha Mundial das Mulheres, numa perspectiva radical de um campo dos movimentos e suas lutas, apresenta-se como uma luta social que pretende mudar o mundo para mudar a vida das mulheres e mudar a vida das mulheres para mudar o mundo. Com esse lema, afirma-se que a construção do feminismo deve partir de experiências concretas no cotidiano, para articular-se a uma análise global sobre como o patriarcado vai construindo as bases para que o sistema capitalista aprofunde a exploração sobre o trabalho das mulheres, seus corpos e territórios e, deste modo, sigam mercantilizando todas as esferas da vida (NOBRE e FARIA, 2003). Essa concepção traz referências tanto do feminismo radical quanto do feminismo materialista.

O feminismo radical é marcado por considerar que a raiz da dominação masculina está no patriarcado, que separa e hierarquiza princípios e valores com base em dualismos como razão/emoção, objetivo/subjetivo, público/privado, homem/mulher. Essa ideologia estruturante parte da ideia da natureza inferior e imutável das mulheres, o que justificaria a opressão e sujeição impostas a elas, expressa no controle dos seus corpos e vidas: a dominação se dá então, segundo essa corrente, a partir do sistema de dominação social do sexo (SAFFIOTI, 2004).

A leitura das feministas materialistas coloca o capitalismo como um sistema que se apropria da subordinação imposta às mulheres pelo patriarcado, expressa nas práticas, culturas e instituições, intensificando as formas de opressão e violência contra elas (SOUZA-LOBO, 1991). Na vida das mulheres rurais isso se expressa, por exemplo, pela subordinação e a apropriação do sobretrabalho das famílias rurais pelo modo de produção capitalista (PAULILO, 2016). Elas propõem uma mudança da sociedade existente, em que uma maior igualdade entre os sexos também precisa considerar as diferenças entre classes, raças, etnias e orientações sexuais, que só seriam possíveis através de mudanças econômicas radicais, ou seja, com a superação do capitalismo.

Seguindo essa compreensão a leitura do feminismo sobre o mundo pauta-se na necessidade constante de compreender o contexto político, econômico, social, cultural e ambiental para a construção de suas estratégias e táticas de luta por um mundo com justiça, igualdade, liberdade, paz e solidariedade. Nesse sentido, essa vertente do feminismo tem como centralidade tanto as análises e reflexões teóricas do mundo quando uma atuação anticapitalista, antiracista, antilesbofóbica e antiLgbttfóbica.

Por outro lado, no Brasil, a agroecologia vem se constituindo como um campo do conhecimento que articula experiências práticas, abordagens teóricas e ações políticas. Esse conceito surge a partir do questionamento do paradigma tecnológico e científico que serviu de alicerce à modernização conservadora da agricultura no país. Para a Articulação Nacional de Agroecologia (ANA), a agroecologia está alicerçada



em sua base social, representada pela diversidade sociocultural da agricultura familiar e urbana e de povos e comunidades tradicionais no Brasil, e deve ser compreendida por seu caráter multidimensional (político, cultural, técnico e científico). Por esse motivo, institucionalizou-se a concepção de que a agroecologia é, ao mesmo tempo, “ciência, prática e movimento”.

Porém, tanto no âmbito acadêmico, quanto no campo das organizações e movimentos sociais, ainda predomina uma concepção tecnicista da agroecologia, quase sempre limitada à transição para um modelo de produção sustentável de alimentos. Nesse contexto, os movimentos de mulheres organizadas cunharam o lema “Sem feminismo não há Agroecologia”, apontando outros sentidos políticos para o conceito de agroecologia, distanciando-se cada vez mais de uma visão técnico-produtivista. Esse lema expressa o entendimento de que o Feminismo e a Agroecologia fazem parte da construção de um mesmo projeto de transformação da sociedade.

Para o Grupo de Trabalho de Mulheres (GT Mulheres) da ANA, a agroecologia é compreendida como um projeto de vida, que busca transformar tanto as relações entre as pessoas quanto as relações das pessoas com a natureza, com base nos princípios da igualdade, da solidariedade e da justiça. A síntese da plenária das mulheres demarca o posicionamento acumulado no IV Encontro Nacional de Agroecologia (ENA): “[...] Temos afirmado que a agroecologia não é só prática, mas ainda o jeito como o trabalho se organiza, como as pessoas se relacionam entre si e com o ambiente” (Articulação Nacional de Agroecologia, 2018). Por esse motivo, afirmam que a agroecologia deve ser feminista, antirracista, anticapitalista e antilgbtfóbica.

A partir desse olhar, que articula o feminismo e a agroecologia, é fortalecida uma luta por autonomia das mulheres sobre suas vidas, seus corpos, seu trabalho, sem ameaças cotidianas de violência nas casas, nas ruas, nos roçados, nas redes e nos movimentos. Afirmam as mulheres que o movimento agroecológico precisa ouvi-las, que suas realidades, anseios, concepções e contribuições têm sido fundamentais para a história e a memória da agroecologia.

Corroborando com essa concepção, outras autoras também afirmam a importância do conhecimento e da prática das mulheres para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Vandana Shiva (2006) afirma que as preocupações, as prioridades e as percepções das mulheres devem ser consideradas, frente a um sistema patriarcal que precisa ser desmontado. Maria Emília Pacheco (2002) destaca a contribuição das mulheres na conservação e uso da biodiversidade, na sustentabilidade da vida e do meio ambiente e, portanto, a necessidade de serem protagonistas da construção do conhecimento agroecológico.

Por isso, as mulheres, desde seus diferentes espaços de atuação e reflexão, acreditam que é urgente fortalecer as conexões entre feminismo e agroecologia para alterar a divisão sexual do trabalho, valorizando e reconhecendo as atividades produtivas e reprodutivas, e, mais do que isso, buscando a sua justa divisão, em especial do trabalho doméstico e de cuidados. Reforçam ainda que a agroecologia precisa ter um enfoque sistêmico, que considere as dimensões ecológica, econômica,



social, cultural, política e ética. Por esse motivo, não é possível desconsiderar que a sociedade foi construída com base em relações desiguais de poder entre homens e mulheres, entre brancos/os e negras/os, pobres e ricos/os, e fortemente demarcada pela heteronormatividade, como único padrão aceitável de sexualidade. Num momento de crise do sistema capitalista, é fundamental analisar e denunciar as diferentes formas de controle sobre a vida das mulheres, seus corpos, seus trabalhos, seus territórios e sua produção, que perpetuam o capitalismo como sistema hegemônico.

Pela luta feminista e agroecológica elas mostram como têm sentido a intensificação do controle sobre suas vidas, expresso tanto no aumento das diversas formas de violência, por exemplo a partir de formas cada vez mais cruéis de feminicídio, da desqualificação de nossa atuação em espaços políticos, da invisibilização de nossa história, trabalho e contribuição, da exposição de nossos corpos e do uso midiático das violências sofridas. As ameaças aos sistemas democráticos em vários países da América Latina e no Brasil também é uma forma de controle do capital sobre os territórios e a vida das mulheres na medida em que tem ampliado a destruição da natureza, retirado direitos e imposto retrocessos em conquistas históricas, ameaçando a soberania dos povos e do país como um todo. As mulheres alertam que, com isso, o projeto de mundo – feminista e agroecológico – defendido por elas está sendo ameaçado, mas que haverá resistência, inspirada por tantas mulheres que deram suas vidas na luta por um país mais justo, igualitário e soberano.

Conclusão

Com base nas reflexões produzidas pelas mulheres do movimento feminista e agroecológico, especialmente representadas nesse texto pela Marcha Mundial das Mulheres e pelo o Grupo de Trabalho de Mulheres da ANA, foi possível demonstrar a convergência teórica e política entre o feminismo e a agroecologia. Esse encontro mostra que a luta por um mundo mais justo e igualitário entre homens e mulheres precisa se somar à busca por uma forma de produção e de relação com o ambiente mais equilibrada e respeitosa. Além disso, demonstram que a luta pela democracia e o fortalecimento de articulações entre os diferentes setores da sociedade é fundamental para a construção do projeto de sociedade pautado na produção de alimentos saudáveis, com a preservação da natureza e uma vida sem violência contra as mulheres.

Referências Bibliográficas

ANA - Articulação Nacional de Agroecologia. **Carta Política do III Encontro Nacional de Agroecologia (ENA)**, Juazeiro/BA, 2014.

NOBRE, Miriam; FARIA, Nalu. Feminismo em movimento: temas e processos organizativos da Marcha Mundial das Mulheres no Fórum Social Mundial. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, 11(2): 360, Julho-Dezembro, 2003.

Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 - Anais do XI Congresso Brasileiro de Agroecologia, São Cristóvão, Sergipe - v. 15, no 2, 2020.

XI CBA
Congresso
Brasileiro de
Agroecologia
Ecologia de Saberes:
Ciência, Cultura e Arte na
Democratização dos
Sistemas Agroalimentares



PAULILO, Maria Ignez Silveira. **Mulheres rurais: quatro décadas de diálogo.** Florianópolis: Editora UFSC, 2016.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **Gênero, patriarcado, violência.** São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SOUZA-LOBO, Elizabeth. **A Classe Operária tem dois sexos: trabalho, dominação e resistência.** São Paulo: Brasiliense, 1991.

SHIVA, Vandana. **Manifiesto para una democracia de la tierra.** Justicia, sustentabilidad y paz. Barcelona: Paidós, 2006.

PACHECO, Maria Emília Lisboa. Em defesa da agricultura familiar sustentável com igualdade de gênero. In: GT Gênero – Plataforma de Contrapartes Novib/SOS Corpo. **Perspectivas de gênero: debates e questões para as ONGs.** Recife: Gênero e Cidadania, 2002.